

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE GESTÃO
ADMINISTRAÇÃO

WILSON MIKE MORAIS

O CEPA E SEUS EGRESSOS: PARA ALÉM DA AVALIAÇÃO DE
PROJETOS, QUAIS IMPACTOS PODEREM SER MAPEADOS?

CARUARU
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE GESTÃO
ADMINISTRAÇÃO

WILSON MIKE MORAIS

O CEPA E SEUS EGRESSOS: PARA ALÉM DA AVALIAÇÃO DE
PROJETOS, QUAIS IMPACTOS PODEM SER MAPEADOS?

Trabalho apresentado à Coordenação do Curso de Graduação
em Administração, da Universidade Federal de Pernambuco,
Centro Acadêmico do Agreste, como requisito parcial para
aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso.
Orientador: Prof. Dr. Marcio Sá

CARUARU
2018

WILSON MIKE MORAIS

O CEPA E SEUS EGRESSOS: PARA ALÉM DA AVALIAÇÃO DE
PROJETOS, QUAIS IMPACTOS PODEREM SER MAPEADOS?

Este trabalho foi julgado adequado e aprovado para a obtenção do título de graduação
em Administração da Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do
Agreste

Caruaru, de julho de 2018

Prof. Dr. Marconi Freitas da Costa
Coordenador do Curso de Administração

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Marcio Sá
Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste
Orientador

Prof^a. M. Sc. Delma Evaneide Silva
Centro de Educação Popular Assunção
Banca

Prof^a. Dr^a. Taíza Maria Alves da Silva
Centro de Educação Popular Assunção - ASCES-UNITA
Banca

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a Deus, por estar sempre na minha vida me proporcionando conquistas como essa.

Dedico também a minha avó Maria Águida das Neves, por todo carinho e atenção; a minha mãe Josilda Maria das Neves Moraes, pela confiança depositada em mim; ao meu pai Luiz Gonzaga Moraes, por todos os momentos que abriu mão dos seus afazeres para me ajudar; e aos meus irmãos Welmiton Luiz Moraes e Jaqueline Wilma Moraes, por me apoiarem nessa caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois é com Sua presença na minha vida que consigo realizar os meus sonhos. Agradeço a minha família, Maria Águida (Vó Lica), minha mãe Josilda, meu pai Luiz, meus irmãos Welmiton e Jaqueline e meus sobrinhos Bernardo e Guilherme, por serem tão presentes e podermos inteirar o amor.

Agradeço ao professor e orientador Marcio Sá, pela confiança e oportunidades dadas, pela sensibilidade, pela generosidade e pelos ensinamentos que me tocaram de forma profunda.

Gratifico à família CEPA, pela abertura dada em conhecer o solo sagrado de cada um/a, como também por todos os conhecimentos compartilhados que ajudaram no meu crescimento pessoal e profissional. Deixo meu agradecimento a cada um/a que de alguma forma me construiu nesse espaço de tempo. Em especial, a Raiane Mere que foi minha parceira no desenvolvimento do nosso estágio.

Agradeço aos amigos e amigas da UFPE que conheci no decorrer desses anos e que tornaram essa caminhada divertida e prazerosa.

Aos integrantes do GEIA, pelas contribuições valiosas para a melhor construção do trabalho.

Obrigado às professoras da banca, Delma Evaneide e Taíza Silva.

E por fim, muito obrigado a todos/as que, direta ou indiretamente, me ajudaram nessa etapa da minha vida.

RESUMO

O presente estudo, realizado no Centro de Educação Popular Assunção (CEPA), tem como objetivos: (a) mapear e analisar os impactos percebidos pelos/as egressos/as das suas vivências numa organização como o CEPA; (b) mapear e analisar as avaliações que as educadoras fazem do trabalho do CEPA nesse público assistido; e (c) caracterizar o perfil dos/as egressos/as entrevistados/as. Visando atingi-los, são apresentadas a OSC e seu contexto, bem como algumas questões teóricas sobre avaliação da atuação de OSC, mais especificamente voltadas à avaliação de impacto por meio de abordagens participativas. Em termos de trabalho de campo, além de um levantamento sobre os educandos do CEPA nos últimos 10 anos, foram também realizados um grupo focal e entrevistas individuais com os/as egressos/as, bem como entrevistas com profissionais da educação que se relacionam (ou se relacionaram) com o referido público. Como resultado, foram articulados trechos significativos das falas sobre determinados aspectos relacionados às mudanças que podem ser associadas a essa vivência no CEPA, em função dos seguintes temas: o que dizem sobre suas vidas antes de entrar no CEPA; o que dizem sobre a experiência de ter passado pelo CEPA; o que dizem sobre as mudanças percebidas nas suas vidas; e como as educadoras avaliam o trabalho do CEPA nesse público assistido. Por fim, foram feitas algumas considerações.

Palavras-chave: CEPA; egressos; avaliação de impacto social; OSC; ONG.

ABSTRACT

The present study, carried out at the Assunção Popular Education Center (CEPA), has the following objectives: (a) to map and analyze the perceived impacts of the experiences of the students in an organization such as CEPA; (b) to map and analyze the evaluations that educators make of CEPA's work in this public attended; and (c) to characterize the profile of the graduates interviewed. In order to reach them, the CSOs and their context are presented, as well as some theoretical questions on CSO performance assessment, more specifically focused on impact assessment through participatory approaches. In terms of fieldwork, in addition to a survey of CEPA students in the last 10 years, a focus group and individual interviews with the students, as well as interviews with related) with the public. As a result, significant portions of the speeches were articulated on certain aspects related to the changes that may be associated with this experience in CEPA, according to the following themes: what they say about their lives before entering CEPA; what they say about the experience of having passed CEPA; what they say about the perceived changes in their lives; and how educators evaluate CEPA's work in this audience. Finally, some considerations were made.

Keywords: CEPA; graduates; social impact assessment; CSO; NGO.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	O CENTRO DE EDUCAÇÃO POPULAR ASSUNÇÃO E SEU CONTEXTO	11
3	AValiaÇÃO DE PROJETOS E DO IMPACTO DA ATUAÇÃO DE ONG	15
3.1	Avaliação de projetos sociais	15
3.2	Avaliação de impacto da atuação de ONG's	16
3.2.1	Avaliação centrada nos participantes	17
3.2.2	Abordagem interpretativa	18
4	METODOLOGIA	20
5	APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	22
5.1	O que eles/as dizem sobre sua vida antes de entrar no CEPA	22
5.2	O que eles/as dizem sobre a experiência de ter passado pelo CEPA	23
5.3	O que eles/as dizem sobre as mudanças percebidas nas suas vidas	26
5.4	Como as educadoras avaliam o trabalho do CEPA nesse público assistido	29
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
	REFERÊNCIAS	36
	ANEXO A: OUTRAS INFORMAÇÕES RELEVANTES SOBRE O CEPA	37
	APÊNDICE A: ROTEIRO DO GRUPO FOCAL	39
	APÊNDICE B: ROTEIRO DA ENTREVISTA INDIVIDUAL	40
	APÊNDICE C: ROTEIRO DA ENTREVISTA COM PROFISSIONAIS	41
	APÊNDICE D: AS EDUCADORAS E SEUS CONTEXTOS DE TRABALHO	42

1 INTRODUÇÃO

As ONG, atualmente conhecidas como Organizações da Sociedade Civil (OSC), a partir dos anos 1970 e 1980 ganharam mais força na luta pelos direitos humanos e pela democratização, em sintonia com o papel reivindicatório dos movimentos sociais, no momento em que o Brasil vivia em regime militar. Porém, o auge no surgimento dessas organizações se deu nos anos 1990. O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), em 2002, constatou que 62% das OSC surgiram a partir desse ano. No Brasil, 41% dessas instituições atuam na defesa de direitos, o Centro de Educação Popular Assunção (CEPA) se insere nesse conjunto pois tem, em tal luta, o principal norte para sua atuação (Mapa IPEA, 2016).

Parte significativa das OSC consegue desenvolver o seu trabalho por meio de projetos financiados por outras entidades, que podem ser públicas ou privadas, nacionais ou internacionais. Para uma formalização mais efetiva das parcerias entre Estado e OSC, a partir de 2014 se configurou o processo de elaboração do Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil (MROSC). Implementado em 2017, o marco dispõe de todas as regras que devem ser seguidas para consolidação dessas parcerias. Além disso, as agências de cooperação internacional estão impondo processos mais rigorosos em relação ao monitoramento dos projetos que financiam, sucedendo que as avaliações também tenham foco nos impactos a médio e longo prazo, bem como que esses projetos estejam mais voltados para o desenvolvimento local.

Neste contexto, este estudo surgiu da minha inquietação em relação à necessidade expressada pelos dirigentes do CEPA em melhor sistematizar os depoimentos dos/as seus/suas educandos/as e egressos/as sobre a experiência de ter passado pela instituição e como eles/as associam o que lá foi vivenciado às mudanças nas suas vidas. Surgiu também da necessidade de atender a algumas demandas de seus financiadores relacionadas ao impacto local que seus projetos possam vir a ter.

Por ser um campo de estudo recente, ainda existe pouco material bibliográfico específico sobre avaliações do impacto da atuação de OSC, principalmente quando essas avaliações utilizam abordagens participativas. Considerando isso, o objetivo geral desse estudo é mapear e analisar os impactos percebidos pelos/as egressos/as das suas vivências numa organização como o CEPA. E tem, como objetivos específicos: 1)

Mapear e analisar os impactos do trabalho do CEPA explicitados pelos/as egressos/as; 2) Mapear e analisar as avaliações que as educadoras fazem do trabalho do CEPA nesse público assistido; e 3) Caracterizar o perfil dos/as egressos/as entrevistados/as.

O trabalho segue estruturado nos seguintes termos: após essa introdução; o capítulo 2, onde é apresentada a OSC estudada e seu contexto; o capítulo 3, com algumas questões teóricas sobre avaliação da atuação de OSC, (3.1) avaliação de projetos sociais e (3.2) avaliação de impacto da atuação de ONGs, subdivido em (3.2.1) avaliação centrada nos participantes e (3.2.2) abordagem interpretativa, que são as abordagens mais próximas nas quais se propôs o estudo; no capítulo 4, é apresentada a metodologia utilizada na pesquisa; no capítulo 5; são apresentados os resultados, (5.1) o que dizem sobre sua vida antes de entrar no CEPA, (5.2) o que dizem sobre a experiência de ter passado pelo CEPA, (5.3) o que dizem sobre as mudanças percebidas nas suas vidas, (5.4) como as educadoras avaliam o trabalho do CEPA nesse público assistido; e por fim no capítulo 6, foram feitas algumas considerações.

2 O CENTRO DE EDUCAÇÃO POPULAR ASSUNÇÃO E SEU CONTEXTO

O Centro de Educação Popular Assunção (CEPA) foi fundado juridicamente no dia 13 de maio de 2003. Porém, sua origem vem desde o ano de 1996 quando um grupo de religiosas da Congregação das Irmãs da Assunção, junto com lideranças locais, se uniu para cuidar das coisas público-comunitárias mediante os descasos dos órgãos públicos, o crescimento desordenado da cidade, o quadro evolutivo das demandas socioeconômicas e das condições básicas de vida da comunidade. Sua missão é contribuir para a disseminação de uma cultura de paz, mantendo uma proposta espiritual-sócio-educativo-cultural construída de forma dialógica, na constante interação entre diversos saberes e atores sociais. Espera-se, pelo viés formativo, que os participantes dos projetos desenvolvam uma percepção de mundo e sua intervenção na vida, através de livres iniciativas, da consciência dos seus direitos humanos básicos e da desenvoltura de atividades artístico-culturais específicas¹.

Para isso, o CEPA ao longo da sua trajetória ofereceu diversas oficinas para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade, de acordo com as demandas da comunidade e das linhas de enfrentamento dos editais. De início viu-se a necessidade das mães colocarem seus filhos numa creche para que elas trabalhassem e ajudassem no sustento da casa, aqui também já com um processo de empoderamento dessas mulheres – foi a partir dessa demanda que a organização foi tomando corpo². Hoje a instituição desenvolve o projeto de Educação Infantil e a Arte Educação com as oficinas de dança, capoeira, teatro, audiovisual, metarreciclagem e informática básica³. Além disso, proporciona rodas de conversas, nessas oficinas e com as famílias, sobre diversos temas como: violência familiar, drogas, exploração sexual de crianças e adolescentes, cidadania, respeito, diversidade cultural e solidariedade.

¹ Informações e alguns trechos extraídos da apresentação institucional do CEPA.

² De acordo com entrevista da Ir. Franca, uma das fundadoras da organização, cedida em 10/04/2017.

³ Segue no Anexo A outras informações e trechos sobre a entidade e as oficinas.



Figura 1: Fotos da estrutura física da entidade.
Fonte: Arquivo do CEPA (2017)

O público assistido da entidade é de crianças de 04 a 06 anos na Educação Infantil que compreende as turmas Tatear e Aprender, a primeira de crianças que estão tendo o primeiro contato com a fase inicial da educação, e a segunda com aquelas que já passaram pela Tatear e depois irão para a educação formal municipal, ambas com 02 turmas de 20 crianças cada, sendo a turma Tatear no horário da manhã e a turma Aprender à tarde. Já nas oficinas de Arte Educação o público é de crianças e adolescentes de 07 a 18 anos incompletos distribuídos pelas oficinas de dança, capoeira, teatro, audiovisual, metarreciclagem e informática básica.



Figura 2: Fotos das oficinas de capoeira, dança, teatro e audiovisual.
Fonte: Arquivo do CEPA (2017)

De acordo com levantamento dos dados do arquivo permanente da instituição, observa-se que num período de 10 anos (de 2007 a 2017) passaram pela organização um total de 1.770 crianças e adolescentes, sendo 53,10% do sexo masculino e 46,90% do sexo feminino.

Tabela 1: Levantamento dos/as educandos/as do CEPA em 10 anos.

OFICINAS	EDUCANDOS/AS		TOTAL
	Masculino	Feminino	
Tatear e Aprender	203	171	374
Dança	39	184	223
Capoeira	340	64	404
Teatro	77	97	174
Audiovisual	67	70	137
Inclusão Digital-Metarreciclagem	93	46	139
Inclusão Digital-Informática	228	283	511
Acompanhamento Escolar	135	138	273
Canto	3	5	8
Flauta Doce	71	26	97
Pré-Vestibular	10	16	26
Pintura (pano)	0	18	18
TOTAL	1.266	1.118	2.384⁴

Fonte: Elaboração Própria (2018)

O CEPA está localizado em Caruaru, cidade do agreste pernambucano que conta com uma população estimada em 2017 de 356.128 mil habitantes. Caruaru é uma das maiores cidades do interior do estado, faz parte do Polo de Confecções do Agreste, está na 4ª posição do estado, só fica atrás de algumas cidades da região metropolitana do Recife (IBGE, 2018).

Ao mesmo tempo em que números demonstram uma imagem de cidade desenvolvida, economicamente falando, parte significativa da população vive em bairros afastados que não possuem infraestrutura básica. De acordo com o Censo 2010 em Caruaru um total de 117.996 pessoas tinha um rendimento nominal mensal domiciliar per capita de até $\frac{1}{2}$ salário mínimo (ou 31.431 domicílios de um total de 85.221 viviam nessas condições). Isso representa um pouco mais de 37% da população.

O bairro Vila Pe. Inácio, onde o CEPA está localizado, não é diferente desse panorama sociocultural e econômico. Ele era conhecido como Mutirão pela história de como se ergueu, foi por meio de mutirão que as famílias começaram a construir suas

⁴ Esse total é diferente do apresentado anteriormente pelo fato dos/as educandos/as participarem de mais de uma oficina.

casas. Para além das fronteiras do bairro, mas ainda no seu entorno, novos conjuntos habitacionais estão se erguendo com características semelhantes. Podemos citar bairros como: João Barreto, Vila do Aeroporto, Loteamento Hozana e Loteamento Parque Real em que o CEPA dispõe de educandos/as residentes.

Esse cenário pode ser observado por meio das visitas domiciliares que a entidade faz regularmente a cada início de ano. Essas visitas, que também são feitas ao longo do ano quando necessário, têm o intuito de proporcionar maior aproximação da entidade com as famílias, dessa forma os/as educadores/as conhecem a realidade de seus/suas educandos/as, possibilitando melhor compreender seu comportamento e atitudes no cotidiano das atividades. A situação de vulnerabilidade social que essas famílias vivem pode ser assim exemplificada: as residências que muitas vezes são barracos ou “puxadinhos”, a falta de saneamento básico, de calçamento, o alto índice de violência, de drogas, entre outros. Outra característica observada é em relação à composição das famílias. Apesar de existir da forma mais tradicional (nuclear) observa-se que a maior parte delas são constituídas por avós, tias/os, mães solteiras, pais presos, sendo que, muitas vezes, numa mesma residência mora todos os seus membros. Um dos educandos do CEPA mora com 12 pessoas de sua família numa residência de 04 cômodos mantida pelo avô da criança que é aposentado⁵.

Diante disso, o CEPA se propõe a ser um espaço formativo para que crianças e adolescentes, em situação de vulnerabilidade social, desenvolvam alguma atividade cultural e/ou profissional no seu tempo livre, de modo que esta venha a contribuir para um desenvolvimento humano diferente do seria mais comum naquele meio.

⁵ Informação extraída do roteiro de visita domiciliar preenchido no dia 10/11/2017 por uma educadora da Educação Infantil.

3 AVALIAÇÃO DE PROJETOS E DO IMPACTO DA ATUAÇÃO DE ONG

Nessa seção serão apresentados, de forma objetiva, os principais assuntos relacionados à avaliação de projetos sociais. De início será apresentada de que forma, atualmente, estão sendo feitas essas avaliações e, posteriormente, apresentado outro tipo de avaliação que mais se aproxima com o propósito do estudo, bem como algumas de suas abordagens.

3.1 Avaliação de projetos sociais

“A avaliação é uma forma básica de comportamento humano e por vezes é formal, completa e estruturada e outras vezes bastante subjetiva, baseada em percepções, sem coleta de evidências formais, ou seja, uma avaliação informal” (CAMPOS; ANDION, 2011, p. 3). Nesse sentido, avaliação é expor um julgamento utilizando alguns critérios pré-determinados, seja formal ou não. Porém, quando se intenciona uma avaliação com maior grau de objetividade e fundamento precisa-se recorrer a uma avaliação formal, isto é, que utilize métodos científicos.

Os autores classificam os tipos de avaliações existentes de acordo com vários critérios e, consequentemente, com o seu objetivo principal. De uma forma geral, as avaliações podem ser caracterizadas em três momentos: avaliação antes (*ex-ante*), com o objetivo de apoiar uma decisão, por exemplo, a implementação ou não de um projeto, construindo seu planejamento e identificando suas necessidades; avaliação durante (*in-itineri*), que é voltada para o monitoramento do projeto em questões como metas e objetivos entre outras; e a avaliação depois (*ex-post*), que se caracteriza como uma avaliação que busca aferir se os objetivos foram alcançados e identificar os impactos causados pela intervenção.

Já em relação à equipe responsável pela avaliação, pode ser: avaliação externa; avaliação interna; avaliação mista, que combina avaliadores externos e internos; e

avaliação participativa, que inclui participação ativa dos beneficiários⁶.

De acordo com Assumpção e Campos (2011, p. 9) a avaliação de projetos sociais é uma área bem desenvolvida que apresenta diversas metodologias. Contudo, quando se inclina para a prática se observa que tal material não é empregado de forma efetiva. Parte disso vem desse campo conceitual sem um aprofundamento e didática maior no sentido de ajudar os atores sociais na otimização das suas funções. Por isso, normalmente essas avaliações estão voltadas para aspectos de controle financeiro e/ou para construção de relatórios das atividades desenvolvidas. Com esse foco, essas avaliações não conseguem ir além da lógica da objetividade (economia, eficiência e eficácia).

Cabe ressaltar que as avaliações de programas sociais, como estão postas atualmente, não tem o propósito de avaliar o impacto das suas intervenções, mas estão voltadas para o monitoramento dos objetivos e metas e para a decisão da sua continuidade ou, até mesmo, implementação.

3.2 Avaliação de impacto da atuação de ONG's

Diferente da avaliação de projetos, quando se faz uma avaliação de impactos se tem um direcionamento para as mudanças a médio e longo prazo. Roche (2000, p. 37) define avaliação de impacto como uma “análise sistemática das mudanças duradouras ou significativas - positivas ou negativas, planejadas ou não - nas vidas das pessoas e ocasionadas por determinada ação ou série de ações”. Sendo assim, as mudanças se caracterizam a médio e longo prazo na perspectiva das várias partes interessadas. Essas mudanças também variam de acordo com cada indivíduo e sua história de vida, bem como estão condicionadas pelo contexto social em que vive.

Ainda de acordo com o autor existem dois desafios na avaliação de impacto, são eles: **a agregação** que está relacionada a como as organizações sintetizam as suas ações, e **a atribuição** que é referente a até que ponto as mudanças observadas foram resultantes das ações. Logo, determinar causalidade, de algum modo científico, é

⁶ Ressaltando que, de acordo com cada avaliação, existe uma série de métodos de coleta e análise de dados que podem ser usados, mas que aqui não serão apresentados pelo fato do trabalho não se propor a tais objetivos.

praticamente impossível visto que qualquer mudança observada nos indivíduos é decorrente de vários fatores. Para amenizar essa segunda dificuldade, ele sugere que seja feita uma checagem cruzada com pontos de vista de outros atores, para verificar áreas de acordo ou desacordo (ROCHE, 2000, p. 50).

Campos e Andion (2011, p. 16) apontam que “a avaliação deve fazer sentido para os diversos atores envolvidos com a organização, em particular os próprios membros das ONG’s e seus usuários, que na maioria dos casos são os que menos têm se beneficiado com seus efeitos”. Confirmando esse aspecto, Assumpção e Campos (2011) afirmam que quando a avaliação é colocada em prática se volta para as questões financeiras de planilhas orçamentárias e prestação de contas e/ou para a construção de relatórios sobre as atividades, metas e objetivos. Sendo assim, eles sugerem que para as avaliações atribuírem valor e mérito essas precisam abordar aspectos como equidade, participação e empoderamento.

Worthen, Sander e Fitzpatrick apud Campos e Andion (2011, p. 5) classificaram as diversas abordagens de modelos de avaliação em seis categorias para facilitar o estudo e sua aplicação. A avaliação pode ser centrada: (1) em objetivos; (2) na administração; (3) no consumidor; (4) em especialistas; (5) nos adversários e (6) nos participantes. Sendo essa última a mais próxima quando se fala na ótica de avaliação de impacto que tenha como principal fonte o relato dos beneficiários. Já Baker e Niemi citado em Assumpção e Campos (2011, p. 9) sugerem quatro fontes distintas em que se baseia o pensamento sobre a avaliação: experimentação, mensuração, análise sistemática e abordagens interpretativas.

Vemos então, que existem diversas abordagens e métodos para avaliar o impacto de determinada ação social. Para tanto, essa pesquisa se aproxima das abordagens participativas que tem como base para inferência a validação pelos participantes que suas ações e os efeitos experimentados estão associados ao projeto, ao programa ou até mesmo à OSC.

3.2.1 Avaliação centrada nos participantes

Segundo Assumpção e Campos (2011) é uma abordagem que foca a participação da comunidade na avaliação do projeto. Ela tem o objetivo de criar processos mais

igualitários determinando a perspectiva do avaliador pelas prioridades daqueles que participam diretamente do projeto e seus *stakeholders* (públicos interessados). Portanto, propõem que tanto o processo de avaliação quanto seus resultados sejam pertinentes a quem se beneficia com o projeto.

Ainda de acordo com os autores, uma das contribuições nesse tipo de abordagem avaliativa está baseada em um dos princípios básicos defendido por Stake que é voltado às atividades de descrição e julgamento de um objeto a ser avaliado. A partir disso, eles dizem que a avaliação centrada nos participantes tem o intuito de “compreender e retratar as complexidades de uma atividade, respondendo às necessidades de informações de determinado público, utilizando-se de planos de avaliação, raciocínio indutivo e de reconhecimento de múltiplas realidades” (ASSUMPÇÃO; CAMPOS, 2011, p. 19). A seguir é apresentada uma figura que sintetiza as principais características dessa abordagem:

Conceito	Verdades são construções sociais e a avaliação é um processo interativo e de negociação entre os atores sociais.
Usos	Compreender e relatar as complexidades do projeto social avaliado utilizando-se da indução.
Principais autores	Stake, Patton, Guba e Lincoln, Ripley e MacDonald.
Vantagens	Foco na descrição e julgamento, interesse pelo contexto, pluralista e ênfase na compreensão.
Desvantagens	Não é diretiva, custos altos, generalização de hipóteses e risco de não concluir o processo.

Figura 3: Principais características das avaliações centradas nos participantes.
Fonte: Assumpção e Campos (2011, p. 20)

Portanto, essa abordagem se caracteriza pela concepção intuicionista-pluralista pois foca em valores e participação.

3.2.2 Abordagem interpretativa

Existem três abordagens que são usadas na pesquisa qualitativa: a abordagem positivista⁷, a crítica⁸ ou a interpretativa. A pesquisa interpretativa parte da ideia de que

⁷ A pesquisa positivista atribui que a realidade é dada e que, assim, ela pode ser descrita por meio de predicados mensuráveis independente do pesquisador e seus instrumentos.

⁸ Na pesquisa crítica, a realidade social é vista como algo constituído historicamente pelas pessoas e reproduzidas por elas. Portanto, tais pesquisadores reconhecem que as habilidades para fazer mudanças se

a realidade, dada ou construída socialmente, só é acessada por meio de construções sociais compartilhadas e que esse tipo de estudo busca entender o objeto mediante os valores atribuído a ele pelas pessoas. (JOSEMIN, 2011)

Segundo Assumpção e Campos (2011, p. 9) a abordagem interpretativa se caracteriza pela “utilização da hermenêutica e de teorias interpretativas para gerar julgamentos holísticos e de alta complexidade, por meio de metodologias alternativas de coleta e interpretação de dados”. O entendimento é originado de forma dialógica, participativa. Além disso, ele vem dos nossos vieses sociais históricos e que tais elementos não podem ser eliminados pelo intérprete para que obtenha um entendimento puro. Pelo contrário, o envolvimento de aspectos relacionados a tradições, preconceitos, pré-julgamentos não estão no controle e podem ser deixados de lado por ele. Ou seja, não é escapando dos próprios pontos de vista, dos vieses, que se alcança um entendimento, uma vez que ele “está mais para um engajamento num diálogo e, assim, a filosofia hermenêutica endossa a conclusão de que nunca há, finalmente, uma correta interpretação”. (JOSEMIN, 2011, p. 13)

Por fim, Assumpção e Campos (2011, p. 10) apontam que “as avaliações com abordagens pluralistas se baseiam no conceito de que o valor depende do impacto da intervenção sobre cada cidadão, individualmente, portanto, com uma concepção subjetiva para alcançar a compreensão dos impactos ocasionados”.

4 METODOLOGIA

Este trabalho se caracteriza como um estudo de caso de caráter exploratório. Sendo assim, utilizou-se de grupo focal no início com 07 egressos/as para obter de forma geral informações relativas à experiência deles/as nas oficinas do CEPA e criar uma linha do tempo. Foi utilizado, também, entrevistas individuais semiestruturadas para aprofundamento dessas questões com mais 04 egressos/as que não participaram do grupo focal. Por fim, foram entrevistadas 03 educadoras para saber como elas avaliam o trabalho desenvolvido pela organização nesse público assistido e para exemplificar diferenças observadas nos/nas seus/suas educandos/as, tanto aqueles/as que fazem parte do CEPA como aqueles/as de outras instituições.

Os roteiros para o grupo focal e para as entrevistas individuais se aproximaram um do outro com o objetivo de criar uma linha do tempo com os/as entrevistados/as. Roche (2000) aborda que quando se cria uma linha do tempo, numa avaliação de impacto, pode-se auxiliar em captar as mudanças e estimular discussões sobre como essas mudanças aconteceram e quais efeitos tiveram na vida das pessoas, além de indicar o papel de outros atores que influenciam na sua construção social. Sendo assim, ele relata que essas questões podem ajudar com o problema de atribuição (ver 3.2).

Já as entrevistas com as profissionais de educação tiveram o objetivo de conhecer o trabalho desenvolvido por elas, de saber como conhecem a realidade do público que atendem, da diferença no trabalho desenvolvido em determinadas instituições e exemplificar alguns casos que podem compreender mudanças nos/as educandos/as. Os três roteiros estão anexados nos apêndices A, B e C, respectivamente.

Como a pesquisa se propôs ser uma avaliação *ex post*, ou seja, depois da execução dos projetos, ressaltando aqui o CEPA na sua totalidade e não de algum projeto específico, o público selecionado deveria ser de egressos/as. Para selecioná-los/as foi feito um levantamento de alguns/mas deles/as que já tinham algum contato com a organização ou com alguém da equipe, possibilitando assim, uma disponibilidade maior deles/as aceitarem fazer parte desta pesquisa. Isso deve ser levado em consideração pela quantidade de egressos/as que o CEPA possui, pelas informações no arquivo permanente já que, em alguns casos, se passou anos desde a saída deles/as impossibilitando o contato e pela disponibilidade de tempo para desenvolvimento da

pesquisa.

Concluído esse levantamento, foi feito o convite para 19 deles/as participarem do grupo focal. Alguns/mas, nesse primeiro contato, já expressaram que não poderia participar do grupo focal devido a compromissos. Portanto, essas pessoas foram alocadas para as entrevistas individuais, num momento oportuno. A escolha das 03 profissionais partiu do interesse em escutar um/a profissional em educação totalmente externo ao CEPA (educadora da escola municipal que recebe os/as educandos/as da Educação Infantil), uma educadora do CEPA, mas que também desenvolve trabalho em outros espaços (outra OSC, escola pública e escola particular) e a ex-coordenadora pedagógica da entidade que também já foi educadora na escola do bairro, fez parte de outras OSC e tem uma participação ativa com atividades em espaços não formais, por fazer parte de uma congregação religiosa.

Os trechos mais fortes identificados nas falas de todos/as os/as entrevistados/as foram associados aos principais temas de interesse do estudo (ver tópicos do capítulo 5), a análise se deu por meio da interpretação de tais falas em cada um dos temas inscritos em tais tópicos, e se apresenta na redação que se segue.

5 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Nessa seção serão apresentados trechos do grupo focal e das entrevistas dos/as egressos/as e das educadoras direcionados a aspectos de como era a vida dos/as primeiros/as antes de entrarem no CEPA, como se deu o desenvolvimento nas oficinas da entidade, quais impactos ou mudanças são percebidos por eles/as, e, por fim, como as educadoras avaliam o impacto do trabalho do CEPA nesse público.

Para a pesquisa empírica foi feito um grupo focal que teve a participação de 07 egressos/as, como também foram realizadas 04 entrevistas individuais com egressos/as que não participaram do grupo focal. Desse total: 09 deles/as tinham entre 17 a 22 anos; um/uma tinha 25 anos e outro/a tinha 32 anos. Em relação à profissão, 04 estavam desempregados/as ou sem ocupação formal – uma se denominou dona do lar; um é Operador de Telemarketing e Professor de Dança; 02 são autônomos; um trabalha como Jovem Aprendiz; 02 trabalham na área de tecnologia/informática e uma é Auxiliar Administrativo.

Já no que diz respeito ao tempo em que ficaram no CEPA: 03 egressos/as passaram mais de 5 anos na entidade; outros/as 03 ficaram de 3 a 4 anos e 05 ficaram até 2 anos participando das atividades. Vale ressaltar aqui que, salvo uma exceção, todos/as participaram de mais de uma oficina.

5.1 O que eles/as dizem sobre sua vida antes de entrar no CEPA

Todos/as os/as entrevistados/as moram no bairro e nas suas imediações desde antes de entrar na organização. Salvo uma exceção, egresso da Educação Infantil que era muito criança (4 anos) não podendo, no CEPA, participar de outra atividade, todos/as estudavam num período do dia e no outro ficavam livres, sem uma atividade específica para fazer. Nesse tempo livre ficavam em casa assistindo tevê, filmes, desenhos, jogando videogame: “eu ia pra escola, voltava. Ficava em casa, tava ficando sedentário [...] eu assistia muito filmes, ficava em casa”. Já uma egressa que tinha terminado o ensino médio, na época, utiliza um termo bastante popular que é usado para chamar pessoas que ainda não conseguiram um emprego e, portanto, não tem uma ocupação formal: “eu tava bem vagabunda, como diziam”.

Outra característica observada é que, pelo fato do bairro ter altos índices de violência, grande parte das famílias não deixavam, e não deixam ainda hoje, os/as filhos/as saírem muito de casa: “eu tinha uma vida de casa pra escola, da escola pra casa”. Sendo assim, as amizades que tinham eram com os colegas da escola, ou seja, basicamente só se viam no horário das aulas. Além de ter pouco contato com pessoas externas a sua família, geralmente colegas de turma que possuem características semelhantes, a maioria dos/as entrevistados/as disseram que eram muito tímidos/as e que tinham poucos amigos. Ao falar sobre como eram as amizades, outro egresso relata que: “tinha alguns amigos na escola, mas como eu te falei, como eu era muito tímido, eu tinha vergonha de conversar com pessoas dentro de casa, desde pequeno isso, aí a dança fez com que eu perdesse total timidez”.

Diante dessa fala, podemos enxergar como era a relação deles/as próprios/as com a sua família. Esse mesmo egresso conta que a relação em casa era difícil porque na escola tinha problemas: “por ser uma escola grande e que os professores não tinham condições de controlar todo mundo”, sofria ofensas e *bullying*, mas que não conseguia contar para sua mãe mesmo chegando triste em casa e ela perguntar. Porém, a maioria deles/as disse que a relação em casa era boa, parte porque alguns/mas tiveram uma educação pautada na base da conversa, de mostrar a realidade que vivem outros/as porque desde crianças participavam das comunidades religiosas. Mas vale ressaltar que isso depende muito de como é formada a estrutura familiar de cada um/a.

A partir desse panorama podemos partir para compreender alguns dos motivos pelos quais esses/as egressos/as quiseram participar das atividades oferecidas pelo CEPA.

5.2 O que eles/as dizem sobre a experiência de ter passado pelo CEPA

A escolha deles/as fazerem oficinas no CEPA se deu, sobretudo, pelo fato: a) de terem amigos que já faziam; b) da família buscar atividades para eles/as fazerem no tempo livre; e c) pela necessidade de terem cursos profissionalizantes para ingressar no mercado de trabalho. Um fato interessante é que parte deles/as escolheram as oficinas sob influência de pessoas da família. Duas egressas escolheram a oficina de capoeira porque o pai era capoeirista, outro participou de diversas oficinas, mas a preferida foi a

de Inclusão Digital porque tinha um tio que era designer gráfico e, também, gostava e se identificava mais com a área de tecnologia, esse último motivo também para a escolha dessa oficina por outro egresso. Outros escolheram a oficina de dança porque era sonho desde pequenos e a mãe já tinha feito aula de dança, bem como a maioria buscava fazer as oficinas para melhorar a timidez e fazer novos amigos.

Eles/as falaram que de início ficaram nervosos/as, apreensivos/as porque não conheciam o CEPA, não sabia se iriam gostar do ambiente, das pessoas e das oficinas, mas que aos poucos foram se familiarizando. Para diminuir essa sensação, um egresso fala que “o CEPA não traz só a criança pra aquele estudo, pra aquele espaço, a família tem que tá perto pra poder conseguir dá tudo certo, tanto aqui como na casa da pessoa”. E para isso, o CEPA busca criar estratégias para cada vez mais aproximar as famílias. Sem falar que essa sensação é normal, visto que, como foi explicitado acima, eles/as possuem características pessoais que favorecem esse receio de não se encaixar nos lugares que frequentam, de não serem aceitos/as pelos outros, de serem mais retraídos/as. Outro aspecto que causa essas inseguranças é o preconceito da sociedade, a crítica das pessoas. Um egresso relata que tinha muito medo de fazer dança por causa do preconceito que se tem de um homem fazer aula de dança: “eu pensava mais na sociedade do que em mim mesmo”. Preconceito também dentro da própria casa: “eu não queria afrontar a família, principalmente minha avó que é de uma geração mais tradicional”.

Contudo, relatam que o CEPA proporciona uma acolhida diferenciada em relação a outros espaços e, portanto, conseguem se familiarizar e ter um melhor desenvolvimento nas oficinas:

A acolhida que a gente tinha aqui, a recepção porque era um curso técnico né! Mas que tinha todo um trabalho voltado assim, era humano, não era só aquele negócio racional, tem toda uma acolhida, tem todo um acompanhamento, então é o que eu sinto aqui no CEPA, os instrutores não só querem que você aprenda, mas que você também tenha uma convivência uns com os outros, um olhar mais humano.

Falam também de como era a relação com os/as educadores/as, para além desse incentivo de construir laços respeitosos com seus pares, onde eles/as estavam sempre preocupados/as em manter essa aproximação com os/as educandos/as, de construir laços a partir da identificação com seu público, por meio de conversas, de contação de história de vida, de simplesmente ouvi-los/as. Nas entrelinhas dos depoimentos pôde-se

perceber a falta de atenção, de carinho que essas crianças e adolescentes têm e que um simples ato de parar o que se está fazendo e escutá-los/as pode fazer a diferença na vida deles/as. E proporcionar espaços para que isso aconteça e que se torne cada vez mais natural já é considerado um relevante impacto na vida de pessoas que historicamente não tem oportunidades de serem ouvidos/as, de serem tratados/as como iguais.

Por isso, o que mais foi dito quando questionados/as do que mais sentia falta do CEPA foi: “das amizades e do conhecimento porque a gente tá aqui com pessoas que são muito inteligentes, assim, pelo menos o espaço, acho que o ambiente repassa isso pra gente e é isso, a convivência, o tá em contato [...] aqui é um aprendizado a cada dia, sinto falta disso”. Além das pessoas que conheceram na entidade e que levam para a vida toda, que se tornaram melhores amigos/as, que mesmo quando ainda estavam na oficina vinha antes do horário para conversar e interagir com eles/as.

Outra coisa que sentem saudade é das apresentações em eventos fora do CEPA onde podiam, além de se apresentar, conhecer outros lugares, pessoas de outros projetos e depois fazer a avaliação daquela apresentação, do que acharam, do que poderiam melhorar, entre outras questões. De acordo com eles/as, os/as educadores/as sempre incentivaram essa construção coletiva das atividades desenvolvidas nas oficinas e também das avaliações serem feitas a partir do que cada um/a tinha a dizer sobre o evento. Apesar de algumas vezes alguns desejos não serem atendidos, acreditam que a organização leva em consideração seus posicionamentos. Isso pode ser explicado porque deveria haver um consenso do que eles/as queriam e do que a organização preza como princípios a serem seguidos como pode ser visto na seguinte fala: “quando ele [educador] queria trazer algo de inovador, mas que a direção/coordenação não concordava”. Ou seja, teria que haver aproximação das sugestões com o que se propõe fazer em cada oficina.

Por fim, uma característica levantada foi sobre os “puxões de orelha”. Relatam que nunca foram específicos para determinado/a educando/a abertamente na frente dos demais. Portanto, não se sentiam constrangidos/as quando isso acontecia porque além de serem para toda a turma eram construídos através do diálogo mostrando como é a vida real no dia a dia da sociedade. Os/as educadores/as sempre ressaltavam a importância do compromisso, da disciplina, da responsabilidade que se deve ter quando se escolhe fazer algo, independente do que seja. Aos olhos deles/as, hoje, esses ensinamentos foram muitos valiosos.

5.3 O que eles/as dizem sobre as mudanças percebidas nas suas vidas

Os impactos são diferentes em cada um/a por causa da experiência individual sobre os aspectos da própria história de vida, mas que serão apresentados de uma forma que se relacionem uns com os outros por alguns relatos se aproximarem de determinados aspectos.

Segundo eles/as o CEPA provoca mudanças comportamentais que abrangem a mente, a forma de vê o mundo. Uma egressa diz que: “quando a gente entrou aqui, a gente não só aprendeu a dança em si, a gente teve acompanhamentos psicológicos, acompanhamento de muitas pessoas, amizades novas e com isso veio fazendo com que a gente mudasse”. Falam também que o CEPA proporcionou que eles/as desenvolvessem a vontade de sempre estar se aperfeiçoando, de não parar de estudar, de buscar novos conhecimentos e é por meio disso que as pessoas conseguem melhorar de vida, mudar a sua realidade: “foi essa inquietação de querer mais, de ir atrás de mais, foi através disso que eu conseguir me tornar coreógrafo de uma quadrilha, estar dando aula hoje em dia, essa inquietação pra vida”. Nesse trecho podemos identificar que o CEPA oportuniza possibilidades, antes não enxergadas, em relação a carreiras profissionais para os/as jovens, como podemos ver nesse depoimento: “e se não tivesse o CEPA pra me dar esse impulso para abrir a porta pra dança, assim, na minha vida eu acho que, talvez, eu fosse aquele menino sedentário em casa só assistindo e estudando, eu não teria a vida artisticamente que eu tenho hoje”.

Outra mudança que eles/as associam ao CEPA está relacionada ao desenvolvimento pessoal, de se descobrir como ser humano e como parte da sociedade. Dois trechos que exemplificam esse aspecto são os seguintes: um egresso relata que com mais ou menos um ano de oficina se pegou pensando assim: “eu não quero dançar só por hobby, eu quero me policiar, eu quero me disciplinar, eu quero olhar no espelho quem sou eu diante da sociedade, o que eu tô fazendo aqui”. E outro relata seu processo de descobrimento pessoal:

Quando ele [educador] começou a me ensinar aquela dança, o coco, a ciranda, o xote, aí eu disse: meu Deus do céu tem alguma coisa dentro de mim, é como se fosse já de outras vidas, é como se meu corpo tivesse apto pra aquilo, tivesse nascido pra aquilo, é uma coisa que eu não sei explicar.

[...] Eu fiquei tipo encantado, encantado mesmo pela dança. Aí de início a nossa primeira apresentação foi no polo das quadrilhas, teve também um evento lá no Alto do Moura **e as pessoas começaram a enxergar você** [...] e eu dançava atrás, depois no meio e quando foi no outro ano ele me colocou na frente. Aí lá vai eu, eu digo: meu Deus **ele tá confiando em mim**, então agora eu vou, **aí você já começa tipo postura**, aí é o público vamos ter que prestar atenção, **vamos lidar com a dança e o público**, aí a motivação veio disso entendesse?

Ainda em relação a esses aspectos de desenvolvimento pessoal, um egresso conta a importância do CEPA para a sua identificação com suas origens locais: “eu acredito que o CEPA tem um cuidado bastante com a cultura né! e eu sempre levei isso comigo cara, é ser característico, ser nordeste mesmo, representar a cidade de Caruaru. [...] O CEPA me deixou uma herança bem forte assim na questão de cultura mesmo”.

Além disso, um egresso relatou que o CEPA se propõe a ser um espaço de formar cidadãos/ãs: “**o CEPA não endireita, ele forma**. Porque isso de endireitar é superficial e a questão da formação é mais profundo na vida das pessoas”. E quando se fala da importância dessa dimensão, dizem que isso não só está relacionado com eles/as próprios/as, mas também com suas famílias e com outras pessoas do bairro como pode ser visto nessa fala: “além de mexer com o jovem, mexe com a família. O CEPA vai ao encontro com a família, vai conhecer a história da família”. Em sintonia, um egresso conta uma mudança que ele pôde associar com a experiência de ter passado pelo CEPA que é no sentido da organização prezar e incentivar os valores da vida:

O CEPA ensina você a **dar valor a família**, dar valor ao seu pai, a sua mãe, quem tá junto com você independentemente de quem seja, **dá importância pra esse tipo de pessoa que constrói a gente todo dia**, foi bem isso, dá valor ao que as pessoas dizem a gente do que é certo e errado. Quando você é criança é bem difícil você compreender isso, mas quando você vai passando o tempo você vai abrindo o olho e vai percebendo essas coisas aí.

Desse modo uma egressa acredita que a entidade ajuda as pessoas mostrando um lado diferente da vida, para além das formações profissionais como já foi tratado anteriormente: “tratar o ser humano como ser humano, não como recurso, não como objeto, mas ter esse olhar voltado para ideais e princípios que valorizam a pessoa”. Logo, acredita que como o CEPA tem uma localização marginalizada que atende um público de alta vulnerabilidade social, se propondo a ser esse espaço de acolhimento, de novas possibilidades e oportunidades, a organização é um agente de transformação: “claro, isso depende muito da pessoa se vai continuar seguindo esses ideais ou não, e a

gente vê que muitos ainda são resistentes a isso porque também teve toda uma vida diferente, mas que o CEPA dá essa oportunidade e as pessoas começam a ver um lado diferente da vida”.

Porém, como ela mesmo citou que depende da própria pessoa seguir outros caminhos, a organização por si só não consegue mudar a realidade de algumas pessoas porque isso vai além do seu alcance e depende de muitos outros fatores sociais, culturais, de crenças, etc. Uma egressa relata que apesar de conhecer pessoas que foram transformadas por ações como as do CEPA, conhece também pessoas que tiveram suas histórias interrompidas pela violência ou coisa parecida: “infelizmente tomou um rumo que ela não era pra ter tomado diante de tudo que a gente viveu, aprendeu aqui no CEPA”, quando falou de uma colega de turma que foi assassinada porque estava envolvida com o crime.

Além desse caso apresentado por ela, a entidade possui outros semelhantes. Um caso que chamou atenção da equipe foi quando o CEPA decidiu acolher um jovem cumprindo medida socioeducativa. Até então, não sabiam quem era esse jovem que tinha sugerido a organização como espaço para cumprir a medida, porém no dia da apresentação dele, feita em parceria com a equipe do CRAS, o reconheceram como egresso da oficina de capoeira. Outro caso é de um educando que foi sentenciado numa audiência e teve que deixar a organização para cumprir a medida estabelecida.

Quando se fala em acolhimento podemos falar também no sentido de como são construídas as relações familiares, de como é a educação familiar desses/as jovens. Como apresentado anteriormente, parte deles/as consideram suas relações familiares “boas”, mas existem outros casos, bem presentes inclusive, que são observados no desenvolvimento das oficinas e nas visitas domiciliares, em que se pode perceber fragilidades nessas relações. Isso é apontado na seguinte fala: “o CEPA busca realmente essa mudança na vida das pessoas, aos que não tem esse acolhimento, muitas vezes, em casa e que aqui encontra um olhar diferente [...] muita gente que passou por aqui vem pra cá porque não se sente muito bem em casa e gosta de tá aqui, a atmosfera é diferente”. Outra egressa comprova essa sensação ao dizer que: “eu vinha também para extravasar a raiva porque não podia fazer em casa, aí depois da oficina eu ficava mais tranquila”. Então, dependendo da situação eles/as viam o CEPA como uma válvula de escape para se tranquilizar dos problemas enfrentados diariamente nas suas vidas.

Ainda no que se refere a esse ponto, uma egressa relata que vê diferença no

desenvolvimento social e profissional de pessoas que tem uma base familiar mais bem estruturada daquelas que não tem:

Eu acredito que tem essa diferença porque é como eu sempre vejo, assim, **se a gente recebe amor a gente vai passar amor**, então se a gente em casa recebe violência, não tem uma atenção com o outro, então você vai repassar aquilo que você sabe e, infelizmente, **quando a gente não conhece o que é o amor a gente não tem outra coisa a passar se não o ódio, a violência** e é algo que a gente vê assim em muitas casas da nossa comunidade. Então assim, quando eles começam a encontrar o que seria o amor, o que seria o bem ao próximo aí a gente vê que tem um olhar diferente.

Para tanto, relatam que o CEPA também ajudou a construir essas relações não só com a família, mas também com os outros: “outra marca importante é no sentido de construir relações de respeito com o outro, de se colocar no lugar do outro e buscar alternativas para saber como ajudá-los”.

Por fim, quando foram perguntados/as como seria o bairro sem o CEPA, eles/as falaram que seria um bairro parado, sem opções de fazer algo diferente, principalmente os cursos profissionalizantes, por causa da condição financeira deles/as. Disseram também que, provavelmente, o uso de drogas iria aumentar por que: “parte dos jovens da comunidade fazem alguma atividade no CEPA e por isso tem uma visão do que é o mundo das drogas diferente daqueles que não participam”. Como também, por estarem, naquele momento, ocupados com algum afazer e não estar pensado “besteira na cabeça”. Dizem ainda que hoje em dia o pensamento dos jovens é diferente daquele da época deles/as, apesar de ainda serem muitos jovens, e que a internet é um meio em que se encontra tudo o que quiser, o que torna o trabalho do CEPA ainda mais difícil. Além disso, sugerem que o CEPA desenvolva outros tipos de oficinas, tais como: manicure, cabelereiro, culinária porque sentem falta de atividades como essas no bairro.

5.4 Como as educadoras avaliam o trabalho do CEPA nesse público assistido

Foram feitas 03 entrevistas com educadoras para, além de ter uma perspectiva diferente sobre o trabalho do CEPA, apoiar ou não alguns pontos levantados pelos/as egressos/as. Isso se justifica também, como uma alternativa dentro que do seria possível no trabalho, para amenizar o que Roche (2000) chama de atribuição. Para isso, foi feita

uma entrevista com uma educadora totalmente externa da entidade que dá aula na escola municipal do bairro para as turmas do 1º ano do ensino fundamental, sendo que a maioria dessa turma é proveniente do CEPA. Uma entrevista com a educadora da oficina de dança, que além de dar aula na organização também é educadora da mesma modalidade em outra OSC e em escolas públicas e privadas da cidade. E, por fim, outra entrevista com uma pedagoga que já foi coordenadora pedagógica da entidade, mas também já trabalhou em outras OSC, como estagiária de pedagogia na escola municipal do bairro e que tem, por ser uma irmãzinha de congregação religiosa, uma história de vida muito ligada a questões humanitárias mundo afora.

Para entender um pouco como é desenvolvido o trabalho delas e como são suas relações com o público atendido e a família, ver Apêndice D.

Partindo para as mudanças percebidas pelas educadoras podemos citar que, em relação aos egressos/as do 1º ano, a educadora externa percebe que eles/as já chegam à sala de aula com o conhecimento básico que se deve ter nesse estágio da educação: “veja, o educando que vem do CEPA ele já vem com uma bagagem [...] principalmente esses alunos do primeiro ano, eu notei que teve uns que vieram, que conseguiram tirar do quadro, fazer atividade tranquilamente e também tem outros que vieram do CEPA que não conseguiram, mas eles não conseguem pelas outras questões de preguiça, pela falta da família”. Ela percebe isso não somente dos/as alunos/as que foram do CEPA como também de outros/as que vêm de creches: “eu tenho dois alunos que vieram de uma creche pra cá e eles já conseguem ler até palavrinhas se eu colocar, é porque eu não [posso] entendeu? Mas se eu colocar eles já leem palavrinhas”. Porém, retrata que tem mais dificuldades quando os/as alunos/as vêm direto de casa: “agora teve aqueles também que não vieram do CEPA, que vieram do lar, que estão zerados, estavam, que já tão começando, não sabiam pegar num lápis, não sabiam escrever pelo quadro, que estão tentando, estão conseguindo”.

Outro ponto levantado é na questão dos/as egressos/as do CEPA terem responsabilidade, independência de fazer as tarefas, uma coordenação motora mais desenvolvida: “eles aprenderam até responsabilidade [...] quando eu imponho uma responsabilidade: olhe, amanhã eu quero que você traga isso pra escola, não traz. E já eles, os alunos que vieram do CEPA quando eu digo: é pra trazer isso amanhã, eles trazem”. Em sintonia com essas características, a educadora da dança também levanta pontos como o seguinte: “eu vejo muita mudança na disciplina, no comprometimento,

na questão da autoestima, da timidez ou até mesmo da própria crença “ah eu não consigo fazer isso, ah eu nunca vou fazer””. Ela complementa que essas mudanças são percebidas ao longo do tempo: “então são percepções assim que eu vejo que está mudando, entrar mais, participar, são coisas desse tipo do dia a dia que a gente vai percebendo que tem significado, importância pra vida deles”.

A pedagoga também retrata a questão da autoestima: “eu ficava olhando alguns meninos da capoeira, por exemplo, que alguns meninos que eu trabalhava com o acompanhamento escolar também fazia parte das outras oficinas e a gente ia conversando com os outros educadores”. A partir disso, relata que eles/as conseguiam superar algumas dificuldades ao aprimorar demais capacidades nas outras oficinas, como por exemplo: conseguir dar um golpe na capoeira.

Outra característica apontada pela pedagoga, quando estagiava na escola do bairro, é de que os/as egressos/as do CEPA tinha um processo de democracia mais internalizado no sentido de dar a palavra para os outros: “não, participa você também, dá sua opinião, não importa se tá certo ou tá errado mas dê a sua opinião, você tem uma”, sendo que, quando comparava com a outra turma que não tinham egressos/as do CEPA esse processo era mais difícil: “tinha muito a espera de que a professora que decidisse tudo, que falasse tudo, ficava como mais passivos, era muito difícil escutar uma opinião do grupo, você lançava uma proposta, tinha que suar muito pra escutar alguma opinião”. Tinham também uma maior preocupação com o outro, como apontado por eles/as no tópico anterior:

Na sala que eu fui tinha um menino que se sentou atrás e tava o tempo todo dormindo e aí eu perguntei pros meninos, porque era um costume que a gente tinha no CEPA: vocês sabem o que está acontecendo com o colega de vocês? O que é que aconteceu? Se ele não dormiu bem? E os meninos que eram do CEPA disseram que já tinha se aproximado dele e me falaram em segredo – esse menino não participava do CEPA então eu não o conhecia – e disseram: “não, é porque o pai dele fumou droga a noite toda e ele tava perto, então ele não pôde dormir e tá com dor de cabeça”. E eu me aproximei do menino pra perguntar e [naquele momento] ele não falou. Aí quando foi no momento do recreio ele ficou na sala dormindo e eu me aproximei pra conversar e ele confirmou.

Outro ponto destacado pelos/as egressos/as que surge novamente nas falas das educadoras é no sentido deles/as enxergarem futuros profissionais dentro das oficinas que fazem. A educadora da dança diz: “eu percebi muita mudança, inclusive, educandos que estão há muito tempo aqui no CEPA, algumas sinalizam que querem trabalhar como

professora de dança, então isso eu vejo que realmente teve significado. Você fazer parte de um projeto, você trabalhar com dança e de repente você querer ser profissional da área”.

Por fim, elas apresentam alguns casos de egressos/as que mudaram sua vida e que elas podem relatar porque acompanharam desde o começo seu desenvolvimento.

Casos de mudança na vida de egressos/as apontados pelas educadoras

Esse quadro foi elaborado a partir dos depoimentos delas, mas que foi ajustado para a norma culta da língua e subtraído os nomes dos/as egressos/as para preservar a identidade. Contudo, não havendo perda do cerne principal.

- O primeiro caso é de um egresso: “que tinha todo o apoio familiar, não tinha um conflito tão evidente com a família, mas era um menino muito tímido. Não dava a sua opinião por nada, vinha com seu caderno, só se interessava de fazer sua tarefa. Aos poucos com esses momentos de místicas que fazíamos juntos e as rodas de conversa ele foi se soltando e se soltando. No final, a mãe dele veio no CEPA nos dizer, nos agradecer, que ela mesmo não sabia o que fazer com a timidez do filho porque inclusive era assim dentro de casa e que a convivência no CEPA tinha ajudado ele se expressar. Hoje é um dos meninos que eu tenho no meu face e a gente sempre conversa. Mas assim, essa foi a grande mudança dele, de um menino que tinha medo de dá a sua opinião, que queria tudo perfeito, cumprir tudo, fazer suas tarefas, tinha seu caderno mais ordenado da sala. Porém, era alguém que você não escutava quase a sua voz e quando saiu do CEPA era o mais conversador de todos. Ele também foi introduzido na capoeira e aquele menino todo certinho começou fazer a capoeira. Então isso também foi soltando ele, depois foi ao audiovisual e depois ao teatro, imagina um menino que era tão tímido fazendo teatro. Então pra mim foi a grande vitória isso”.

- Outro caso é de uma egressa: “que me deu um presente por ser a melhor professora de matemática [risada] que era uma revelação pra mim também [por não se considerar boa em matemática]. Ela tinha uma dificuldade com o pai, vivia com o pai e mãe, mas ela não gostava muito do pai dela. E eu lembro uma vez quando eu contei toda a questão da minha relação com o meu pai, o processo que eu fiz de se aproximar e de perdoá-lo por uma série de coisas. Foi um dia que todo mundo se emocionou muito e eu também. Depois desse dia, passou um tempo e ela me procurou, foi na minha casa e me disse: “eu também fiz esse processo com meu pai professora”. E de verdade, depois o pai dela veio no CEPA dizer que a filha tinha se aproximado dele, tinha ganhado a confiança dela outra vez”.

- Por fim, outro egresso: “ele tinha vergonha de sua família, na verdade sua família era sua mãe e suas irmãs. Ele tinha vergonha porque sua mãe tinha uma vida um pouco prostituída, tinha vários namorados que visitava sua casa. Uma vez eu cheguei lá e tava numa situação bem estranha. E pra mim o maior sinal de que ele tava mudando foi quando ele mesmo me chamou pra ir na casa dele, porque antes eu ia e quando chegava ele saía de casa. Depois eu perguntei e ele disse que era porque tinha vergonha de que eu fosse lá e visse a mãe dele naquela situação e então ele não aguentava e saía. Ele era um menino que sempre andava com a cabeça baixa, não se sentia capaz de fazer nada,

seu caderno escolar de todas as disciplinas era uma desordem total, não sabia aonde era o início e aonde era o fim. Depois quando foi saindo do CEPA, que ele aprendeu fazer um mortal, aprendeu isso na capoeira, isso refletia nos estudos e aí já começou a organizar o seu caderno, a ver que ele era capaz de fazer aquela tarefa. Quando também, ele viu que eu fui na sua casa e não fiquei julgando as atitudes de sua mãe, também se sentiu acolhido, se sentiu em confiança. Hoje ele anda na rua, ele é um menino maior que eu, anda na rua com a cabeça erguida e bonito pra mim é que não tem vergonha de demonstrar seus afetos. Antes de vim pra cá [Peru] eu encontrei com ele na rua, ele saiu correndo pra me dá um abraço como ele dava quando era pequeno, quando estava começando sua adolescência, e seus companheiros ficaram zoando ele: “é sua tia ou sua namorada?” E ele disse: “respeito, que é minha professora”. E assim não teve vergonha de demonstrar sua afetividade, coisa que antes eu via que sentia”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a elaboração dessa pesquisa pode-se perceber que, atualmente, as avaliações de projetos sociais mais usadas estão voltadas às questões de monitoramento de metas, de objetivos e de relatórios de atividades desenvolvidas, caracterizando-se avaliações com a lógica da objetividade. Porém, quando se almeja a avaliação dos impactos dessas ações no público atendido é mais apropriado utilizar-se de metodologias participativas, ou seja, avaliações em que seja possível identificar nuances que possibilitam associar determinadas ações do projeto, do programa ou da OSC às mudanças percebidas nesse público. Muito embora seja sempre pertinente ressaltar que tais mudanças variam de acordo com cada indivíduo, com sua história de vida e com o seu contexto social.

Quando observamos, a partir da construção da linha do tempo, o que esses/as egressos/as dizem sobre a experiência de ter passado pelo CEPA e como eles/as associam as mudanças pessoais às suas vivências na entidade, também percebemos que as concepções modificadas e mencionadas são importantes para o desenvolvimento social e profissional desses/as jovens. Além disso, relatam que o CEPA proporcionou espaços de convivência com os outros, para se aproximarem das suas realidades, para ouvi-los/as, e isso já é considerado um impacto significativo nas suas vidas.

Podemos perceber, também, como o contexto sociocultural e econômico influenciam no comportamento, no posicionamento e nas atitudes que eles/as têm perante a sociedade. Algumas inseguranças pessoais explicitadas nas entrevistas podem ser oriundas dessas questões.

Outro aspecto apontado por eles/as foi na questão da entidade incentivar o desejo de sempre ir em busca dos seus objetivos, de nunca parar de estudar, de se aperfeiçoar sempre. E é através dessa inquietação que as pessoas podem criar e perseguir sonhos, mudar suas realidades, inclusive com novas possibilidades profissionais, com a construção de relações mais profundas com a família e com os outros (amigos, vizinhos, sociedade no geral) para ajudá-los de alguma forma.

Porém, apesar de apresentarem impactos relevantes em suas vidas que podem associar às vivências no CEPA, existem alguns casos de egressos/as que, infelizmente, seguiram rumos diferentes. Ou seja, percebemos que mesmo fazendo um trabalho relevante na comunidade, de mostrar novas possibilidades e oportunidades, organizações como o CEPA não conseguem, sozinhas, mudar a vida de todos. Existem

diversos fatores que influenciam o desenvolvimento social desses/as jovens. Portanto, cabe ressaltar a importância das OSC fazerem parcerias com outras organizações, governamentais ou não, para impulsionar ainda mais a sua capacidade de atuação e impacto social.

Enfim, a partir das experiências nas oficinas esses/as egressos/as começaram a desenvolver um posicionamento de vida mais consistente, a despertar para a vida adulta, para outras possibilidades profissionais e vislumbrar novas alternativas para mudar suas realidades de vida. Através das oportunidades dadas, de poder construir o protagonismo desses/as jovens, o CEPA pode ser caracterizado como um espaço transformador na realidade local.

Sendo assim, sugere-se que o CEPA continue a desempenhar seu papel de espaço formativo para os/as jovens do bairro Vila Pe. Inácio e seu entorno – Caruaru-PE, atendendo as demandas da comunidade através da escuta das principais necessidades que ela possui, como já vem fazendo desde sua fundação.

Por fim, para futuras pesquisas nesse tema, sugere-se um aprofundamento maior nas questões teóricas do campo de avaliação do impacto das OSC, uma imersão maior no universo do público estudado, pois em alguns momentos o grau de imersão é limitado e condiciona o que se pode dizer. Ou seja, seria interessante também escutar outros públicos relativos à entidade estudada, para além dos/as egressos/as e das educadoras, tais como: a comunidade, os/as educandos/as, os dirigentes das outras organizações parceiras, líderes comunitários, entre outros.

REFERÊNCIAS

ASSUMPÇÃO, J. J.; CAMPOS, L. M. S. **Avaliação de projetos sociais em ONG's da Grande Florianópolis**: um estudo sobre modelos relacionados ao foco de atuação. *Agathos (Idaial)*, v. 45, p. 209-242, 2011.

CAMPOS, L. M. S.; ANDION, M. C. M. **Avaliação de Projetos Sociais em Organizações da Sociedade Civil**: um estudo sobre concepções e práticas. In: XXXV EnANPAD 2011, Rio de Janeiro. Anais EnANPAD, 2011.

Censo, IBGE. 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/caruaru/pesquisa/23/26504?detalhes=true>>. Acesso em 28/05/18.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/caruaru/panorama>>. Acesso em 28/05/2018.

Mapa IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. 2016. Disponível em: <<https://mapaosc.ipea.gov.br/dados-indicadores.html#dado-3>>. Acesso em 28/05/2018.

JOSEMIN, G. C. **Entendimento Interpretativo em Pesquisa Qualitativa sobre Sistemas de Informação**. In: XXXV EnANPAD 2011, Rio de Janeiro. Anais EnANPAD, 2011.

ROCHE, C. **Avaliação de impacto dos trabalhos de ONGs**: aprendendo a valorizar as mudanças. Tradução: Tisel Tradução e Interpretação Simultânea Escrita. São Paulo. Cortez. ABONG. Oxford, Inglaterra: Oxfam, 2000.

ANEXO A: OUTRAS INFORMAÇÕES RELEVANTES SOBRE O CEPA⁹

O CEPA dispõe de assentos no Conselho Municipal de Direitos da Criança e Adolescente (COMDICA), do Conselho Municipal de Assistência Social (CMAS), tem parceria com o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) Maria Auxiliadora, convênio com o Centro Acadêmico do Agreste (CAA) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) para desenvolvimento de estágios curriculares, parceria com o Banco de Alimentos SESC-PE para doações de alimentos e parcerias com as escolas do entorno. Além de ter projetos financiados pela *Mission Support from Ireland* (Misean Cara), *Christian Brothers Edmund Rice Trust* (CEBERT), que são instituições internacionais de apoio a organizações da sociedade civil e convênios na esfera municipal.

A organização é formada por um conselho gestor (presidente, vice-presidente, tesoureira e secretária), por um conselho fiscal (03 conselheiros e seus suplentes), por uma equipe de coordenação (coordenadora de projetos, coordenadora administrativa, coordenadora pedagógica), por um pedagogo, uma psicóloga, uma técnica administrativa, 02 educadoras da Educação Infantil e 06 educadores das oficinas de Arte Educação, uma cozinheira, uma auxiliar de serviços gerais e 02 estagiários do curso de administração. Atualmente conta com a participação de 18 profissionais na operacionalização das suas diversas atividades. Além disso, o CEPA sempre é demandado por estudantes do curso de pedagogia da UFPE para desenvolvimento de intervenções para as disciplinas do curso.

O CEPA, no documento de apresentação institucional, indica a essência das oficinas desenvolvidas: **dança**, busca potencializar as habilidades para alcançar o vigor físico, como também conhecer as diversas dimensões do seu corpo reconhecendo-o como agente transformador de sua condição social; **capoeira**, tem o objetivo não de formar capoeiristas, mas orientar os/as educandos/as a respeitar os limites de seu próprio corpo, como também a integridade física do outro buscando preservar a cultura ancestral para fortalecer suas raízes e identidades; **teatro**, busca desenvolver habilidades nas artes cênicas, produzindo esquetes com temas relacionados à realidade local, melhoria na comunicação e expressão, na interpretação de textos superando dificuldades

⁹ Informações obtidas do documento de apresentação institucional da entidade.

na expressão oral e escrita, na exposição de sentimentos e apresentando gosto pelo trabalho em grupo; **audiovisual**, tem o objetivo de aguçar o senso crítico sobre os eventos cotidianos da comunidade, resgatando a memória dos seus ancestrais (pais, avós e pessoas ligadas à origem da comunidade) socializando o conhecimento adquirido através de produção de vídeos, exposições fotográficas, em mostras culturais e redes sociais; **metarreciclagem**, onde são realizadas atividades voltadas ao reaproveitamento de computadores descartados por empresas e pessoas, discutindo com os jovens os impactos causados pelo excedente de “lixo” eletrônico; e **informática básica**, que busca superar a desigualdade digital preparando os jovens para a introdução no mercado de trabalho. Todas as oficinas com cerca de 20 educandos/as em 02 turmas (manhã e tarde). Pela disposição dos dias e horários das oficinas grande parte dos/as educandos/as participa de mais de uma oficina na entidade.

APÊNDICE A: ROTEIRO DO GRUPO FOCAL

Seções:

1. Como conheceu o CEPA?

O que te levou a entrar no CEPA? Como foi a escolha e porque de determinada oficina/atividade?

2. Me conte um pouco como foi participar da oficina?

Como foi o primeiro contato? O que você esperava? Do que você gostava mais e do que gostava menos? O que mais te marcou e que você leva para a vida?

3. Como você vê hoje a sua trajetória no CEPA?

Mudaria alguma coisa? O que mais dá saudade?

4. Qual diferença que você vê na sua vida hoje que você pode dizer que veio da experiência no CEPA?

Exemplos relacionados ao cotidiano. Como seria se não tivesse passado pelo CEPA? (suposições)

APÊNDICE B: ROTEIRO DA ENTREVISTA INDIVIDUAL

Seções:

1. Saber o que está fazendo hoje (relato de vida depois que saiu do CEPA)
Como está a sua vida hoje? (se continua na casa dos pais, se formou família, etc.)
O que está fazendo hoje e como é o dia a dia? (profissional)
Logo depois que você saiu do CEPA, o que de significativo aconteceu em sua vida?
Porque você saiu do CEPA?
2. Como se deu a experiência de participar do CEPA
Do que você mais sente saudade do CEPA?
Do que você mais gostava e do que você menos gostava no projeto/oficina?
Como foi o desenvolvimento durante a oficina? (impressões, sentimentos, motivação, conhecimento, relação com os outros educandos, etc.)
O que te levou a escolher tal projeto/oficina?
O que poderia ser diferente na sua experiência no CEPA? Outra oficina, atividades (música, esporte)
3. Como era antes de entrar no CEPA (contexto de vida)
Como era a sua vida antes de entrar no CEPA? (o que fazia no tempo vago, questão de amizades, brincadeiras)
Onde você morava e com quem?
Como era a relação com a família? (pessoas que moravam)
O que você queria fazer quando crescesse?
4. Qual foi o impacto
Qual sentimento ficou para você dessa experiência?
Qual a mudança maior que você vê na sua vida? E qual a importância você acha que o CEPA teve na sua vida? (Exemplos)
Como você acha que seria sua vida hoje se não tivesse passado pelo CEPA?
O que você acha que seria diferente em você?

APÊNDICE C: ROTEIRO DA ENTREVISTA COM PROFISSIONAIS

Seções:

1. Relacionadas com a profissão

O que você faz e quais são as atividades mais desenvolvidas por você?

Me conte um pouco da sua experiência de trabalho na área? (sempre atuou assim)

2. Relação do trabalho com o público que atende

Você conhece de que forma a realidade do público que atende? Você poderia me contar como é essa realidade?

Como é sua relação com os educandos? Eles conversam com você sobre a vida deles? O que eles costumam falar? (aproximação)

Em se tratando da família deles, como é a relação? A família sempre está presente? Sempre tem contato?

3. Diferença dos públicos

Você conhece o trabalho desenvolvido pelo CEPA? (profissional externo)

De acordo com a sua experiência, você percebe alguma diferença entre um educando que veio do CEPA de um que não veio? Pode me contar de que forma existe essa diferença?

Você poderia dizer como é o desenvolvimento deles, tanto o que veio do CEPA como do que não veio? (exemplos reais sobre comportamento, aprendizagem, etc.)

Você acredita que o CEPA teve importância na vida deles?

Como eram alguns educandos quando entraram e como eram quando estavam saindo da entidade? (exemplos de sucesso ou não) (profissionais internos)

APÊNDICE D: AS EDUCADORAS E SEUS CONTEXTOS DE TRABALHO

A partir do que foi exposto nas entrevistas pôde-se observar diferentes nuances no desenvolvimento profissional de cada uma. A educadora externa diz que sua principal atribuição para a turma do 1º ano é: “desenvolver a escrita e a leitura dos alunos, pois a rede municipal foca nessas linhas”. Já a educadora de dança desenvolve atividades que buscam fortalecer elementos para que os/as educandos/as percebam a sua desenvoltura e as suas limitações: “eu acho que a vertente principal é essa, é mostrar as habilidades e quais as capacidades que eles já têm enquanto corpo e o que eles precisam vencer enquanto limites”. Ela ainda diz que busca desenvolver esses aspectos nos outros espaços, mas que sente um pouco mais de dificuldade nas escolas por elas focarem mais nas produções coreográficas. Já o trabalho desenvolvido pela pedagoga, que no CEPA antes de ter sido coordenadora pedagógica também foi educadora do Acompanhamento Escolar, era para essa função apoiar os estudos da educação formal nas matérias em que os/as educandos/as tinham dificuldades e para aquela função acompanhar os/as educadores/as no planejamento e desenvolvimento das suas atividades, porém não deixava de se relacionar com os/as educandos/as, inclusive nas rodas de conversas temáticas dos projetos.

A partir disso, relatam que sentem diferenças no desenvolvimento do seu trabalho de acordo com cada espaço em que ele é concebido. A educadora externa diz que precisa seguir um cronograma didático imposto pela secretaria municipal, mas relata que ainda consegue desenvolver algumas outras didáticas dentro do possível. Em compensação, a educadora de dança diz que: “o trabalho desenvolvido em ONG tem certa flexibilidade [de didáticas] mesmo tendo que ter produção artística para as crianças e adolescentes mostrarem seu trabalho, mas a vertente de se trabalhar corpo dentro das suas dimensões é mais presente”. Inclusive essa diferença também é sentida pela visão dos/as alunos/as, normalmente eles/as não têm concebido que aquele espaço também pode ser artístico, como ela retrata na seguinte fala: “a gente sente uma dificuldade da adaptação desses alunos de trabalhar arte, de fazer arte dentro da escola porque acha que a escola é apenas um local pra se sentar em cadeira e aprender português, matemática, ciência”. No que diz respeito à relação delas com o público

assistido e com suas famílias partilham das mesmas dificuldades, porém desenvolvem metodologias diferentes para superá-las. A educadora externa conta que conhece a realidade do seu público por meio de conversas e dinâmicas que faz nas aulas e, também, conversando com os pais. Relata que sente uma boa abertura por parte dos/as alunos/as e que, geralmente, falam de casa, da questão da alimentação (se comeu em casa ou não), das questões financeiras e de questões da violência no geral. A partir disso, ela diz que: “tem uns que tem a vida bem difícil e outros que tem a vida melhorzinha”. E por isso expõe que nem sempre a relação com a família é a melhor possível pelo fato de: “a nossa comunidade ser um pouco difícil, tem mães ótimas, mas também tem família que diz: “olha eu não sei o que fazer, então veja aí o que a senhora pode fazer””. Sendo que, para ela, fica ainda mais difícil o desenvolvimento da criança quando a família não o ajuda nesse aspecto. Já as outras duas educadoras também conhecem a realidade do seu público por meio de rodas de conversas, de dinâmicas e pelas visitas domiciliares feitas pelas OSC: “essas visitas domiciliares fazem com que a gente perceba a realidade da comunidade, dos próprios pais ou responsáveis desses educandos e deles no sentido geral. A gente consegue entender as limitações financeiras, de pensamentos, do que eles acham sobre o projeto e isso ajuda muito a gente fazer o trabalho dentro da própria instituição”. Diante do exposto observamos que a forma como essas questões são tratadas por cada instituição é diferente. De um lado, podemos perceber que existe certa passividade e/ou dependência em criar estratégias para diminuir esse distanciamento família-escola, parte disso vem do sistema educacional nacional e da própria cultura das classes mais desfavorecidas. Em contrapartida, existem outras organizações que vão em busca de se aproximar cada vez mais dessas famílias para poder atender da melhor forma possível suas demandas.